

# VARIEDADES LINGUÍSTICAS DO ESPANHOL NA SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: A RELAÇÃO ENTRE IDEOLOGIAS E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

Júlia Costa MENDES <sup>116</sup>

Gilvan Müller de OLIVEIRA <sup>117</sup>

**Resumo:** Existe, na língua espanhola, uma enorme heterogeneidade em relação às variedades linguísticas que a compõem. Apesar dessa diversidade, entretanto, há traços comuns compartilhados entre elas, os quais possibilitam a comunicação entre todos os povos hispânicos (SILVA; CASTEDO, 2008). Nesse sentido, a escolha da variedade a ser ensinada nas escolas e universidades é estratégica, pois reflete interesses de distintas ordens. Nessa pesquisa, analisamos ideologias linguísticas por parte de discentes do curso de graduação em Espanhol na UFSC, sobre as variedades do espanhol ensinadas nas universidades brasileiras, bem como as políticas linguísticas que possam ter embasado tais opiniões.

**Palavras-chave:** Ensino de espanhol. Ideologias linguísticas. Políticas Linguísticas.

**Abstract:** *There is, in the Spanish language, an enormous heterogeneity in relation to the linguistic varieties that compose it. Despite this diversity, however, there are common features shared among them, which enable communication among with all Hispanic peoples (SILVA; CASTEDO, 2008). In this sense, the choice of the variety to be taught in schools and universities is strategic, because it reflects interests of different orders. In this research, we analyzed linguistic ideologies by students of the undergraduate course in Spanish at UFSC, on the varieties of Spanish taught in Brazilian universities, as well as the language policies that may have supported these opinions.*

**Keywords:** *Teaching Spanish. Language ideologies. Linguistic Policies.*

---

<sup>116</sup> Costa Mendes. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/6730544553824875>

<sup>117</sup> Müller de Oliveira. Professor no Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/9618049727220182>

## Introdução

Este trabalho analisa a relação entre as ideologias de estudantes de graduação do curso de Letras/Espanhol da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sobre variedades linguísticas do espanhol e as políticas linguísticas promovidas pela Espanha no fim do século XX. Objetivamos, sobretudo, analisar o discurso dos sujeitos da pesquisa no que concerne aos diversos tipos de espanhol falados na América Latina e na Europa e como este pode ser explicado pelas políticas de promoção da língua espanhola no Brasil nos últimos 30 anos.

Em especial, pretendemos investigar as ideologias associadas ao ensino da variedade europeia do espanhol em vez das variedades hispano-americanas, as quais são geográfica e culturalmente mais próximas do nosso país. Buscamos, em última instância, encontrar evidências de como as políticas linguísticas desempenham um papel importante na constituição das ideologias e orientações normativas dos estudantes de espanhol sobre língua e linguagem em geral. Ainda, colocamos duas questões específicas, cujas respostas podem ser relevantes para este estudo: (i) com que variedade da língua espanhola os sujeitos de pesquisa se identificam mais e como essa escolha se relaciona com as políticas de ensino dessa língua estrangeira?; (ii) os estudantes revelam algum tipo de preconceito contra as variedades latinas em seu discurso?

Longe de buscar apresentar o cenário completo das questões acerca da língua espanhola como língua policêntrica e todos os movimentos políticos que embasaram a atualidade, este artigo conta com uma referencial teórico formado por propostas e conceitos de autores de áreas distintas. Dentre os mais importantes para o presente trabalho, citamos Calvet (2007), Oliveira (2013, 2016), Moita Lopes (2013), Del Valle e Villa (2005), Bugel (1998), Silva e Castedo (2008) e Bagno e Lagares (2011) e Fanjul (2011). Esses estudos forneceram uma base para, de um lado, podermos discutir ideologia, política linguística e conceitos associados (como planejamento, gerenciamento, valor e promoção linguísticos); e, de outro lado, tratarmos do espanhol como língua estrangeira no Brasil. Nesse último tópico, abordamos as motivações da Espanha para a promoção da língua espanhola; em sua maioria, de ordem econômica. Segundo o editorial do jornal *El País* de 14 de julho de 2000 (*apud* DEL VALLE; SILVA, 2005, p.206, tradução nossa), por exemplo, o Brasil “[...] se tornou, nos últimos três anos, o maior sócio

comercial da Espanha na América Latina, e, nos dois últimos, o investimento direto espanhol ultrapassa os 10 bilhões de dólares”<sup>118</sup>.

A metodologia foi dividida em três etapas. Na primeira, formulamos um roteiro de perguntas que servisse para eliciar os dados de nosso interesse na fala dos informantes. O questionário conta com 10 questões abertas, as quais abrangem desde experiências pessoais na aprendizagem de espanhol até opiniões diretas sobre cultura hispânica e variedades linguísticas na sala de aula.

Nesse sentido, pode-se dizer que o método de entrevista se assemelha com aquele encontrado em pesquisas sociolinguísticas. Esse tipo de investigação procura obter os dados que interessam (no caso da Sociolinguística, os ditos propriamente linguísticos) a partir de tópicos que deixem os entrevistados desatentos para o objeto específico da análise (TARALLO, 1990). Em um segundo momento, selecionamos três estudantes voluntários do curso de Letras/Espanhol da UFSC que estivessem cursando a disciplina de língua espanhola VII, o nível mais avançado no primeiro semestre de 2017. Por fim, procedemos à realização das entrevistas, todas individuais, gravadas em formato .mp3 de áudio e transcritas posteriormente. Todos os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.<sup>119</sup>

### **O ensino de espanhol, a relação Brasil-Espanha e a variação**

Falar sobre políticas de promoção do ensino de espanhol no Brasil pressupõe algumas questões: (i) a existência de pelo menos uma entidade que está interessada em promover a língua espanhola no Brasil; (ii) a busca de um ou mais objetivos que se deseja alcançar a partir das políticas de promoção do espanhol; (iii) a adoção de uma estratégia para que o espanhol seja promovido visando, sobretudo, ao(s) objetivo(s) que a entidade interessada tem. Em relação a quem vislumbra a promoção da língua espanhola no Brasil, este trabalho focaliza a Espanha, uma vez que as iniciativas deste país foram numerosas e difundiram a variedade europeia em detrimento das variedades americanas, além da antiga questão da relação entre colonizador e colonizado que culmina grandes reflexões em diversas áreas de estudo até hoje.

---

<sup>118</sup> No original, em espanhol: “[...] se ha convertido en los últimos tres años en el mayor socio comercial de España en América Latina, y en los dos últimos ejercicios la inversión española directa sobrepasa los 10.000 millones de dólares”.

<sup>119</sup> Anexados ao artigo, estão o roteiro de entrevista, as transcrições completas e o termo de consentimento assinado pelos informantes.

No que respeita aos objetivos da Espanha com a promoção do espanhol, Lagares (2013, p.16) observa que a partir dos anos 90, a *Real Academia Española* (RAE) formula uma política linguística denominada "pan-hispânica", que aparece descrita num documento da ASALE (Associação de Academias de Língua Espanhola) de 2004. De acordo com o autor, essa política inclui uma “proposta padronizadora para o espaço internacional do espanhol”, além de ter sido “implementada com o apoio desigual dos governos dos países de língua espanhola e com a decidida intervenção de um conglomerado empresarial que já tinha constituído formalmente uma *Fundación Pro Real Academia Española*, em 1993.”.

O termo “pan-hispanismo”, portanto, foi caracterizado por representar complexos ideológicos distintos com alguns traços em comum, que propiciaram políticas culturais com diferentes graus de aplicação e consequências práticas para o universo hispanofalante (FANJUL, 2011). É preciso comentar que a política pan-hispânica também proporcionou uma visão de unidade linguística, por representar um lugar de encontro dos falantes da língua. Lagares (2013), porém, cita Woolard (2007, p.131-133) para afirmar que essa política representou, ao mesmo tempo, o desligamento da relação identitária e cultural das variedades do espanhol.

Essas iniciativas importantes de promoção do ensino da língua espanhola também estão relacionadas ao espanhol de modo geral e não somente à norma específica da Espanha. Uma razão para tal é a vantagem que a promoção do espanhol como língua “neutra” em mídias como filmes, novelas, séries etc, para a comunidade dos hispanofalantes em geral. Del Valle e Villa observam:

De fato, identificamos [...] uma tensão entre, por um lado, a vontade de apresentar a difusão do espanhol como um fenômeno que beneficia toda a comunidade de países hispânicos, e, por outro, a constatação e, em alguns casos, o entusiasmo diante da aparente vantagem da Espanha na disputa com outros países hispano falantes pelos mercados linguísticos e culturais brasileiros (DEL VALLE e VILLA, 2005, p.215)<sup>120</sup>

---

<sup>120</sup> No original: “De hecho, identificamos [...] una tensión entre, por un lado, la voluntad de presentar la extensión del español como un fenómeno que beneficia a toda la comunidad de países hispánicos, y, por otro, la constatación y en algunos casos el entusiasmo ante la aparente ventaja de España en la competencia con otros países hispanohablantes por los mercados lingüísticos y culturales brasileños”.

Ainda sobre os empenhos da Espanha para com a promoção da língua espanhola, Del Valle e Villa (2005) apontam que o aproveitamento do peso econômico do espanhol tem duas metas fundamentais:

[...] em primeiro lugar, o desenvolvimento de uma indústria linguística dedicada ao ensino e à difusão do espanhol como língua estrangeira (ELE), estimulando o interesse por seu estudo e aproveitando as circunstâncias que em cada região o favoreçam (por exemplo, a crescente população hispânica nos EUA ou a criação do Mercosul no Brasil). Em segundo lugar, aspira-se também a que a difusão, o estudo e a valoração positiva da língua espanhola no mundo se traduzam em um aumento no consumo de produtos culturais que utilizam o espanhol como suporte (por exemplo, os produtos das indústrias do cinema, da literatura e da música) (DEL VALLE e VILLA, 2005, p.202, tradução nossa).<sup>121</sup>

Esses objetivos, como vemos, fazem parte desse mais amplo programa de promoção do espanhol, que não se restringe às políticas implementadas em um único país. No Brasil, porém, houve uma coincidência no fim dos anos de 1990 e no início dos anos 2000 entre uma “[...] predisposição do capital ibérico a atravessar o Atlântico [...] e o aumento do interesse pelo espanhol dentro do próprio Brasil.” (DEL VALLE e VILLA, p.204). Tal situação pode ter ocorrido a partir da instalação e da expansão de multinacionais espanholas, como Endesa, BBVA, Iberdrola, Unión Fenosa, Telefônica ou Dragados.

Quais tem sido, pois, as demais estratégias da Espanha para promover o espanhol no Brasil? Em primeiro lugar, destaque-se que elas não se limitam a um âmbito exclusivo. Por exemplo, na esfera diplomática, Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil de 1995 a 2002, recebeu o Prêmio Príncipe de Astúrias em 2000 graças, principalmente, à defesa da língua espanhola no Brasil. Isso pode ser interpretado como um incentivo ao então presidente do país para que as políticas de promoção do espanhol continuassem firmes e, sobretudo, para que o projeto de lei 3987/2000 entrasse em vigor o quanto antes. Na esfera educacional, por outro lado, tem-se o Instituto Cervantes, um centro difusor da cultura e da língua espanhola com sede em vários países. No Brasil, ele está localizado em várias metrópoles: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador, Brasília e Porto Alegre. A partir da tramitação do

---

<sup>121</sup> No original: “[...] en primer lugar, el desarrollo de una industria lingüística dedicada a la enseñanza y difusión del español como lengua extranjera (ELE), estimulando el interés por su estudio y aprovechando las circunstancias que en cada región lo favorezcan (por ejemplo, la creciente población hispana en los EEUU o la creación de Mercosur en Brasil). En segundo lugar, se aspira también a que la difusión, el estudio y la valoración positiva de la lengua española en el mundo se traduzca en un aumento del consumo de productos culturales que utilizan el español como soporte (por ejemplo, los productos de las industrias del cine, la literatura y la música).”

projeto de lei 3987/2000, o Instituto Cervantes voltou a sua atenção para a formação de docentes de espanhol e para a emissão de Diplomas de Espanhol como Língua Estrangeira (DELE).

Além disso, com a criação do Mercosul, em 1991, declarou-se a intenção de promover as línguas oficiais do bloco econômico nos países-membros. Isso implicou um maior comprometimento do Brasil em relação ao ensino da língua espanhola, o que levou à redação de um projeto de lei que estabelecia a obrigatoriedade do ensino de espanhol na educação brasileira. No entanto, esse *privilégio* dado ao espanhol suscitou algumas discussões, colocadas em pauta, especialmente, pelos órgãos promotores de outras línguas estrangeiras. Em virtude disso, o projeto foi reformulado: determinou-se a obrigatoriedade da oferta do ensino de espanhol apenas no último ciclo do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Por fim, o projeto (PL 3987/2000) foi aprovado pelo Congresso, ratificado pelo Senado e assinado pelo então presidente Luiz Inácio *Lula* da Silva em julho de 2005.

Neste momento, devemos atentar também para o policentrismo da língua espanhola no mundo. Este termo é empregado por diversos pesquisadores na sociolinguística e refere-se ao modo como têm acontecido os processos de padronização e de surgimento de diferentes tipos de norma na língua espanhola (FANJUL, 2011, p.302). Dizer que o espanhol é uma língua policêntrica significa dizer que ela não conta com um centro padronizador. O autor apresenta a ideia de Lipski (1994, p.154) de que nem mesmo “existem normas pan-hispânicas que selecionem as variantes preferidas, nem nenhum país ou região universalmente reconhecidos como possuidores do padrão linguístico, e cuja forma seja imitada pelos habitantes de outros países” (FANJUL, 2011, p.303).

Entretanto, para esse autor, embora a situação policêntrica do espanhol nunca tenha resultado, pelo menos até os anos 90, uma política ou um planejamento consistente sobre as variedades de prestígio,

“[...] [o policentrismo] nunca significou o total desaparecimento de representações paralelas de uma superioridade ligada à “origem”. Ocasionais irrupções de ideologias puristas em diversos países e momentos [...] fizeram e ainda fazem reaparecer a avaliação de um espanhol “melhor” atribuído à Espanha ou até a países da América que conservariam um castelhano menos “contaminado” pelos contatos e “desvios” (a Colômbia, e em algumas versões, o México) (FANJUL, 2011, p.304).

Nesse sentido, percebemos a relação entre a variedade falada na Espanha e seu prestígio no cenário mundial. Lagares (2013) constata que esse pluricentrismo hispânico sempre coexistiu com uma permanente tensão entre a manutenção de modelos de língua autônomos,

falados nas diversas regiões do mundo de língua espanhola, e a obediência a uma norma prescritiva única, localizada na Espanha central.

Fanjul (2011, p. 304) cita Bagno (2000) para argumentar que no Brasil não houve o desenvolvimento de uma norma escolar que tenha sido baseada em uma língua ideal e diferenciada dos usos reais dos falantes. Para ele, sempre prevaleceu um equilíbrio entre os centros de prestígio e conveniência econômica, estando, assim, a Espanha em destaque, tendo em vista o seu fortalecimento a partir da década de 80 e sua integração à União Europeia<sup>122</sup>.

No universo da língua espanhola e em uma perspectiva sociolinguística, entretanto, não podemos ignorar a relação de poder e prestígio dessa língua em outras grandes capitais, não focalizando apenas na Espanha. Muitas formas de variação se consagram como prestigiosas tendo em vista setores de alto peso nos campos cultural e econômico. Fanjul (2011, p.304) observa que cidades como Buenos Aires, Bogotá, México, Lima, Santiago, Caracas ou Madri acabam se impondo com grande participação na mídia e na escola, apresentando seus modos regionais de falar que passam a ser percebidos como "cultos".

Entretanto, existe o que o autor chama de diferente interno. Esses são traços linguísticos que se afastam do modelo local (da capital) de prestígio e que podem receber avaliações negativas a depender de onde aparecem. Esse mesmo traço, portanto, pode não ser concebido como negativo em comparação às outras comunidades de prestígio, onde tais traços se apresentam como a variedade prestigiada. De acordo com Fanjul, o “yeísmo” palatal [j] na região do Rio da Prata, por exemplo, que por se afastar do modelo de prestígio da capital, onde produzem o som alveopalatal [ʝ], pode resultar em preconceito, pois são traços fonéticos que não aparecem na fala de um espanhol ou de um mexicano.

Isso nos leva a uma pergunta importante: qual é, então, a variedade da língua espanhola que mais se está ensinando nos diversos âmbitos educacionais no Brasil: alguma das variedades faladas na Espanha ou alguma das existentes na América Latina? É impossível levantar tais questionamentos sem incorrer em uma discussão sociolinguística.

Como percebemos, a questão da norma linguística pode ser entendida como um construto teórico que emerge do exame das relações sociais e, por isso, é de grande interesse da sociologia da linguagem (LAGARES e BAGNO, 2011). Isso nos mostra que a predominância

---

<sup>122</sup> De acordo com Fanjul (2011, p. 317 ), “a etapa policêntrica tem a ver com um período histórico em que nenhum dos Estados nacionais hispanofalantes supera qualitativamente todos os outros na inserção na economia mundial”. No entanto, a Espanha ressurgiu como potência econômica e ganhou papel de destaque a partir da década de 80 e passa a fazer parte da União Europeia.



de uma determinada norma em relação à outra se estabelece, antes de mais nada, socialmente, podendo um mesmo traço linguístico apresentar valor diferente dependendo de onde ele for utilizado. Além, é claro, da prevalência de uma norma em detrimento de outra tendo em vista as vantagens sociais, econômicas e históricas.

Primeiramente, ao estudar qualquer comunidade linguística, a primeira conclusão que podemos tirar é a de que existe diversidade linguística. Assim como os dados que serão apresentados na sessão seguinte sobre ideologias linguísticas mostram, existem muito mais línguas que países no mundo e cada língua também apresenta distinção em si mesma, se compararmos grupos de falantes de uma mesma língua localizados em regiões diferentes. A essas diferentes maneiras de falar, a sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas (ALKMIM, 2012). Isso significa dizer que qualquer língua sempre tem variações.

De acordo com Alkmim (2012), língua e variação são inseparáveis, sendo qualquer tentativa de analisar isoladamente os componentes da dicotomia língua e fala algo negativo, pois limita a capacidade de investigação sobre uma língua cujo sistema é sempre complexo e rico assim como seu uso. O aspecto formal sobre o estudo das línguas também é de grande interesse da área da linguística, porém, para a sociolinguística representa apenas parte do fenômeno total.

Neste seguimento, pressupor que há uma unidade linguística entre as variedades da língua espanhola, é até necessário para o ensino, porém pode causar alguns problemas práticos a longo prazo. Talvez um dos principais seja deixar de atentar para as variações diatópicas a que qualquer língua se sujeita (LABOV, 2008). A própria dicotomia espanhol da Espanha x espanhol da América é uma simplificação, visto que, na Espanha, há uma grande variação dialetal e que, na América, há inúmeros países que falam espanhol.<sup>123</sup>

Destacamos também que proximidade geográfica pode não implicar semelhança entre normas linguísticas a depender do nível que se esteja comparando ou da variável analisada. Um exemplo é a variável de segunda pessoa do singular. No âmbito morfológico, enquanto na Argentina ou no Uruguai é frequente o uso do pronome *vos*, em outros países vizinhos como Paraguai ou Bolívia recorre mais o pronome *tu*. Assim, pode-se afirmar que, em comunidades de fala da América onde o *tu* é mais empregado, há maior coincidência com a variedade

---

<sup>123</sup> Perceba-se, ainda, que as variedades do espanhol desses lugares sofrem influências de línguas diferentes. Por exemplo, na Espanha, o contato linguístico ocorre com o catalão, o basco e o galego, mas, no México, ocorre com línguas indígenas, como o nahuatl ou o tzeltal. Tais contextos de línguas em contato fazem com que cada um desses dialetos tenha características próprias no que tange, principalmente, ao léxico e à pragmática.



espanhola. Da mesma forma, no âmbito fonético, algumas variantes usadas na América podem ser próprias de regiões específicas, como o uso da fricativa palato-alveolar [ʃ] em palavras como *yo*, *llegar* e *lluvia* (o primeiro som dos vocábulos, em todos esses casos) no espanhol rio-platense. Portanto, falar em espanhol da América não pressupõe que as variedades que o compõem compartilhem características em todos os níveis linguísticos.

Embora seja relevante apontar as variações diatópicas da língua espanhola na sala de aula de língua estrangeira (LE), importa também como isso é feito. Silva e Castedo (2004) ressaltam que alguns livros didáticos de ensino de espanhol como LE tratam alguns fenômenos da língua como se fossem mais restritos do que realmente são e dão importância a outros cuja abrangência não é ampla. Por exemplo, não é incomum ver que se classifique o pronome *vos* como *regionalismo* e que se dê ênfase à conjugação de verbos na segunda pessoa do plural, *vosotros*. A esse respeito, é pertinente notar que

[...] [o pronome *vos*] é utilizado na Argentina, Uruguai, Paraguai, Costa Rica, Honduras, El Salvador, Nicarágua e Guatemala, nas minorias significativas do Chile, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Peru e México (cf. LIPSKI, 1994). Então como pode ser considerado *regionalismo* um elemento linguístico utilizado por tantos países? O pronome de tratamento *vosotros* da variedade castelhana é ensinado praticamente em todos os livros didáticos, e é um elemento minoritário, quase que exclusivo da Espanha, e que nem sequer é difundido em todas as suas regiões. (SILVA e CASTEDO, 2004, p.71-72).

Com o passar do tempo, o valor atribuído à variedade europeia do espanhol pode estar sendo visto como mais “correto”, mais “puro”, mais “bonito” etc. Todas essas ideias construídas a partir de anos de ações e planejamentos políticos sobre o uso e ensino do espanhol no Brasil, bem como os materiais didáticos aqui utilizados – majoritariamente editados na Espanha (SILVA e CASTEDO, 2004).

Além disso, Bagno (2003) aponta que grande parte das gramáticas dos livros didáticos de língua portuguesa se limitam ao uso de exercícios estruturais e mecânicos voltados sempre para a forma da língua, esquecendo a contextualização e a relação do uso da língua na vida fora do livro. Coan e Pontes (2013) constatam que essa prática também se repete no ensino do espanhol como língua estrangeira, assim como as pesquisas de Bugel (1998) e Kraviski (2007) mostram. O aluno acaba focando somente no uso de estruturas da variedade padrão que não necessariamente lhe ajudam no momento de produzir um texto, por exemplo, pois ele não consegue adequar essas estruturas ao contexto de sua produção textual, além de limitá-lo sobre as questões ideológicas acerca das escolhas linguísticas que aparecem nesses livros.

Ao refletir sobre essas questões, se faz importante abordar o fato de que há uma prevalência do ensino da norma europeia do espanhol, constituindo ideologias sobre a língua. De acordo com o contexto apresentado, temos a prevalência dessa variedade em relação as outras para, por fim, termos a constituição das ideologias linguísticas.

Se é plausível, portanto, postular que as políticas linguísticas de promoção de uma língua estrangeira podem levar a criação de ideologias, se faz importante investigar tal questão. Mas antes disso, o que entendemos por *ideologia*?

### **Ideologias linguísticas**

Tendo em vista os tempos de superdiversidade<sup>124</sup> no mundo em que vivemos hoje nada de relevante se faz sem discurso (MILTON SANTOS, 2000, apud MOITA LOPES, 2013). A linguagem, entretanto, assume um valor muito importante em nossas vidas, acompanhando a necessidade de compreender a língua, cultura, identidade que, por sua vez, se faz progressivamente mais pertinente.

Como aponta Bakhtin ([1929], 2014), muitas das pesquisas que envolvem problemas ideológicos acabam sendo vistas como manifestações da consciência, cuja natureza é sempre psicológica. Contudo, tal concepção reduz as ideologias a problemas individuais, sendo que a linguagem e a sua manifestação, de acordo com a perspectiva bakhtiniana, são resultados de ideologias acerca dos mais diversos assuntos do mundo exterior e de suas relações sociais.

As ideologias linguísticas existem, são múltiplas e favorecem a criação de ambientes discriminatórios de grupos e indivíduos. Não focando somente nas questões sociais sobre esse assunto, essas ideologias estão também diretamente relacionadas ao ensino e à aprendizagem de LE.

Além disso, o contato entre povos e línguas é inerente à condição humana e as ideologias linguísticas acabam sendo igualmente indissociáveis dessa condição. A convivência em um espaço diglótico<sup>125</sup>, com conflitos de diversos tipos, híbridos e não observados com

---

<sup>124</sup> De acordo com Vertovec (2007, apud MOITA LOPES 2013), superdiversidade é um construto criado para dar conta da explosão no número de migrações em relação a nacionalidades, línguas, etnias e religião, afetando políticas sociais relativas à força de trabalho, moradia, educação etc. como efeito da globalização em países que recebem os imigrantes.

<sup>125</sup> De acordo com Mozzillo (2001), a diglossia ocorre “a partir do momento em que é possível estabelecer algum grau de hierarquia entre as línguas de um sujeito”. Desse modo, pode ocorrer tanto no indivíduo como na sociedade.

regularidade por linguistas, prejudica a harmonia da coexistência de diversas línguas e povos e proporciona conflitos individuais e sociais (ESCUDE e JANIN, 2010).

Nesse seguimento, as ideologias linguísticas, assim nomeadas na antropologia linguística, são “crenças, ou sentimentos sobre as línguas como são usadas em seus mundos sociais” (KROSKRITY, 2004 apud MOITA LOPES, 2013) ou então

[...] as ideias com as quais participantes e observadores [linguistas, etnógrafos, elaboradores de políticas linguísticas públicas e de currículos para ensino de línguas etc.] enquadram suas compreensões das variedades linguísticas e projetam essas compreensões nas pessoas, eventos, atividades que são significativas para eles, convocando efeitos de significados variados na vida social (IRVINE; GAL, 2000 apud MOITA LOPES, 2013, p.200).

Especificamente na área de política e planejamento linguístico, o significado das pesquisas sobre ideologia linguística pode ser considerado como a soma de três conceitos: práticas da linguagem; gerenciamento da linguagem; ideologias da linguagem (SPOLSKY [2004], 2009 apud AJSIC, MCGROARTY, 2015). Além disso, também é possível compreender essas pesquisas como uma visão das políticas linguísticas em forma de manifestação de agendas ideológicas ocultas (SHOHAMY, 2006 apud AJIC, MCGROARTY, 2015).<sup>126</sup> Ainda de acordo com o mesmo autor, uma visão compartilhada sobre o conceito de ideologia linguística é um conjunto de crenças (ou ideias / conceituações) sobre a linguagem.

Desse modo, as ideologias linguísticas são múltiplas e advêm de perspectivas políticas, culturais e econômicas específicas (MOITA LOPES, 2013). Ou seja, cada ideologia existe socialmente, mantendo-se na história e no imaginário dos falantes, sendo apenas a ponta de um *iceberg*, o resultado de questões históricas e políticas visto a partir da língua e de seu uso por falantes tanto bilíngues quanto monolíngues.

Nesse sentido é que investigamos as ideologias linguísticas sobre as variedades do ensino do espanhol no Brasil apresentadas por alunos de graduação de Letras Espanhol da UFSC. Investigando esses discentes, se pode deprender qual vem sendo a postura tida pelos professores em sala de aula sobre tal temática. Estas e outras questões serão debatidas na sessão seguinte, sobre a metodologia da pesquisa.

---

<sup>126</sup> No original : "*The significance of language-ideological research for language policy and planning (LPP) is perhaps best reflected in the influential tripartite conceptualization of language policy as consisting of language practices, language management, and language ideologies (Spolsky 2004, 2009) as well as the view of language policy as the manifestation of hidden ideological agendas (Shohamy 2006).*"

## **Metodologia**

A presente pesquisa buscou apresentar brevemente um percurso histórico sobre as políticas linguísticas existentes acerca do ensino do espanhol no Brasil, bem como investigar um estudo de caso de alunos graduandos do curso de Letras Espanhol da UFSC. Para investigar as ideologias linguísticas deste grupo em específico, aplicamos um questionário contendo perguntas relacionadas à opinião dos entrevistados sobre questões referentes ao ensino e aprendizagem do espanhol como LE. A análise dos dados se deu de forma qualitativa, tendo em vista o estudo de caso aqui apresentado com quatro sujeitos.

A escolha do corpus desta pesquisa se deu para verificar ideologias linguísticas em uma universidade cujo Programa de Pós-Graduação possui uma forte área em pesquisa sobre políticas linguísticas. Além disso, a região sul do país e a cidade de Florianópolis, onde a UFSC está localizada, são regiões com grande fluxo de hispanofalantes, seja em função do turismo ou dos programas de internacionalização da universidade que recebe semestralmente diversos alunos falantes de espanhol. Assim, com a análise dos dados, poderíamos verificar se há ou não maior esclarecimento sobre questões de variações linguísticas do espanhol por parte dos alunos dessa mesma instituição, tendo em vista o contato com idioma e cultura que muitos habitantes da cidade de Florianópolis e, sobretudo, os discentes têm.

As entrevistas foram feitas presencialmente, registradas em forma de áudio e, em seguida, transcritas. Foram entrevistados quatro sujeitos do sétimo semestre do curso de Letras Espanhol da UFSC. A pesquisa contou com quatro sujeitos, pois além do fato de os cursos de língua estrangeira em geral apresentarem grande diferença na quantidade de alunos por turma entre o primeiro semestre e os últimos, alguns possíveis informantes não se interessaram em participar da pesquisa. Este fato também pode ser destacado como parte da investigação sobre ideologias linguísticas, pois o interesse ou não pelo assunto pode estar relacionado ao fato de que os alunos não acreditam que haja discussão válida sobre a temática, partindo do princípio que suas opiniões sobre as variedades do espanhol sejam adequadas (independentemente do que eles consideram adequado, uma variedade ou outra), como também podem não ter participado por motivos pessoais. Além disso, para a análise desses dados não foram levados em conta fatores como sexo ou idade.

Os indivíduos selecionados para esta pesquisa deveriam, obrigatoriamente, estar matriculados no sétimo semestre do curso de Letras Espanhol da UFSC e assinar o Termo de Livre Esclarecimento. Tal escolha se deve a que os alunos dessa fase já dispõem de proficiência

elevada em espanhol como LE, além de estarem no final da sua formação, tendo, portanto, passado por diversos debates acerca das variedades existentes do espanhol, a partir de disciplinas já cursadas obrigatoriamente.

Além disso, acreditamos que a escolha da metodologia desta pesquisa, que busca investigar ideologias, se faz bastante pertinente, visto que o questionário aplicado permitiu que os informantes expressassem suas opiniões de forma bastante espontânea, apresentando ideias sem ter tido qualquer tipo de reflexão anterior sobre o assunto.

Outro fator importante diz respeito à ordem das perguntas apresentadas no questionário. Inicialmente, tem-se questões de perfil sobre a aprendizagem do espanhol, deixando os informantes mais confortáveis ao contar suas trajetórias individuais de contato com a língua. Em seguida, questionamos sobre experiências com as práticas docentes vivenciadas na UFSC para finalmente abordarmos a questão sobre ideologia. Segue o questionário proposto.

Quadro 1: Questionário apresentado aos informantes desta pesquisa

1. Há quanto tempo você estuda espanhol formalmente?
2. Por que você se interessou em começar a aprender essa língua estrangeira específica?
3. Você fala espanhol? Quando e com quem você o faz?
4. Com qual país hispânico você tem maior afinidade? Por quê?
5. Você fala o espanhol de qual país/região?
6. Qual é o espanhol ensinado nas aulas de língua estrangeira e em que pontos ele difere do seu?
7. Qual é o espanhol falado pelo(s) seu(s) professor(es) de língua espanhola?
8. O que você pensa a respeito do ensino da variedade europeia da língua espanhola?
9. Você julga haver uma variedade mais ou menos adequada no ensino de espanhol para brasileiros?
10. Na sua opinião, é preciso dar mais destaque às diversas variedades da língua espanhola falada na América Latina? Por quê?

Nesse seguimento, para fazer um recorte possível de ser analisado neste artigo, escolhemos destacar as seguintes questões:

- Em sala de aula de espanhol LE, é feita alguma abordagem sobre as variedades do espanhol? Se sim, qual?
- O que você pensa sobre o ensino de espanhol no Brasil no que concerne à variedade falada na Espanha?
- Existe alguma variedade mais ou menos adequada para os brasileiros?

- É preciso dar mais destaque às diversas variedades da língua espanhola faladas na América Latina? Por quê?

### **Análise dos dados**

Para melhor apresentar os resultados obtidos, esta sessão será dividida em quatro partes, contemplando cada uma das questões norteadoras citadas acima que buscam mapear as possíveis ideologias linguísticas que possam ter aparecido nas respostas dos informantes.

- *Em sala de aula de espanhol LE, é feita alguma abordagem sobre as variedades do espanhol? Se sim, qual?*

Nesta questão todos os entrevistados disseram que sempre há uma abordagem sobre a existência das diversas variedades do espanhol em sala de aula de LE. No entanto, os quatro informantes comentaram que esta questão é frequente e é bastante complicada, visto que não existe um diálogo entre os professores sobre como lidar com tal questão. Os excertos a seguir confirmam:

S1<sup>127</sup> - [...] Nossa.. na LE aqui na UFSC, cada professor fala um espanhol. É muito confuso, confunde os alunos.. e tem professores que cobram: você tem que seguir, ter tal sotaque.. porém eles mesmos não seguem uma linha [...].

S2 - [...] Ah.. nossa. A maioria dos professores daqui ensinam o espanhol com acento argentino ou o acento da Espanha [...].

S3 - [...] desde o início as professoras sempre nos falam que a gente tem que optar por um sotaque.. o de algum país, porque são muitos países que falam o espanhol. Elas não tendenciam para um ou para outro.. elas abrem um leque pra gente.. elas dizem “olha, são tantos países que falam em espanhol [...].

S4 - [...] Então, desde a primeira fase a gente é incentivado a sempre ter uma mente aberta com todos os sotaques hispano falantes... incentivado, é bem diferente do que fazer. Certo? Aí é o seguinte, por mais que os professores

---

<sup>127</sup> O S é a marcação para indicar o sujeito.

digam que o espanhol é uma língua variada, porque temos 21 países que falam espanhol, ou seja, 21 sotaques, é muito difícil colocar isso em prática para ensinar para os alunos [...].

Como vemos nos exemplos apresentados, apenas uma informante constatou que grande parte dos professores do curso de Letras/Espanhol UFSC opta pela variedade da Espanha. Todos os demais informantes disseram que não há um consenso sobre qual espanhol ensinar. Com isso, podemos notar que embora haja esclarecimento por parte dos professores no que concerne à vasta área que é a do ensino de espanhol como LE, não existe esclarecimento sobre como abordar tal questão em sala de aula.

Acreditamos que nesta ideologia os informantes constataram que os professores atualmente não tendem a privilegiar certa variedade, mas o contrário, exaltam todas as existentes. Esta constatação nos faz acreditar que, tendo em vista a forte área de pesquisas em políticas linguísticas da UFSC tenha favorecido o amplo debate dessas temáticas por meio de eventos na universidade, palestras, defesas de teses e dissertações, fazendo com que os docentes do curso de espanhol da UFSC não estejam de forma alguma alheios à essa realidade.

Apesar disso, o discurso de que o aluno deve encontrar sua variedade durante sua formação superior não parece ser eficaz no ponto de vista dos estudantes. De que maneira um professor que escolhe a variedade falada na Espanha, por exemplo, corrige individualmente os alunos em sala que, por sua vez, optaram por variedades outras? Acreditamos que essas questões podem ser resolvidas a partir de acordos feitos entre os professores e os alunos. Como Alkmim (2012) diz, língua e variação são inseparáveis. Portanto, também na prática docente é importante haver esclarecimentos sobre isso, para que não haja a prevalência sobre uma ou outra variedade e a exclusão de grande parte da cultura da língua estudada por meio da invisibilidade das outras variedades.

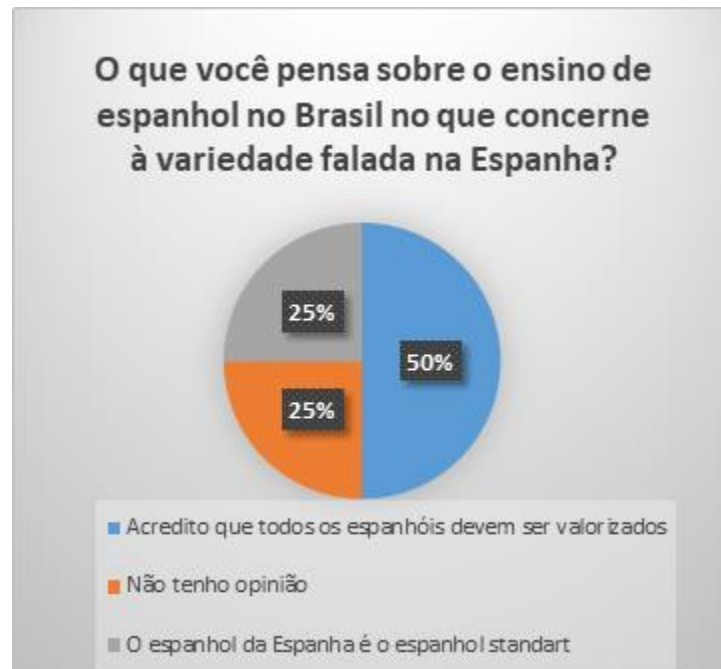
Por fim, esta questão pode ainda ser bastante discutida, mas não pretendemos nos aprofundar nela, visto que estamos, sobretudo, investigando a existência de ideologias. Apresentar uma solução clara para cada uma delas exige um grande debate que neste momento não convém. Apesar disso, acreditamos ser muito pertinente levantá-las, tendo em vista os relatos apresentados, como a fala do S1: “Nossa... na LE aqui na UFSC, cada professor fala um espanhol. É muito confuso, confunde os alunos[...]”.



- *O que você pensa sobre o ensino de espanhol no Brasil no que concerne à variedade falada na Espanha?*

Sobre esta questão, foi possível notar diferentes opiniões a respeito. O gráfico a seguir apresenta as principais questões abordadas pelos informantes:

Gráfico 1 – Opinião dos falantes sobre o ensino do espanhol como LE



Como percebemos no gráfico 1, os alunos de graduação em Letras/Espanhol da UFSC se apresentaram majoritariamente esclarecidos sobre o ensino de espanhol, acreditando que é preciso dar espaço para as diversas variedades dessa língua e não demonstrando preconceitos linguísticos sobre o assunto.

Apesar disso, um dos informantes que está no sétimo semestre do curso de graduação, acredita que o espanhol falado na Espanha corresponde ao espanhol mais adequado; outro disse não ter opinião a respeito.

- *Existe alguma variedade mais ou menos adequada para os brasileiros?*

A respeito desta pergunta, todos os informantes comentaram a questão geográfica para o ensino e aprendizagem de espanhol como LE no Brasil. O fato do nosso país fazer fronteira

com países hispanofalantes faz com que, na opinião dos sujeitos, as variedades faladas nos países da América Latina sejam privilegiadas. Os excertos a seguir confirmam:

S1 - Para brasileiros? Da Espanha, talvez... porém eu não tenho uma opinião formada sobre isso. Um espanhol específico pros alunos brasileiros aprenderem... acho que tu tens que saber a diferença de todos e depois que tu conhecer as diferenças é que tu podes escolher o teu.

S2 - Eu acredito que as variedades mais próximas, dos países que fazem fronteira com o Brasil, são as mais interessantes para os falantes aqui do Brasil. Mas não existe nenhuma que seja mais importante, ou mais fácil ou mais adequada. [...]

S3 - Partindo do que eu aprendi, do que eu te falei, que nós não temos um direcionamento... não sei se seria mais adequada, mas talvez pelo falta da gente morar no sul do país aprender uma variação daqui seja melhor... por termos mais contato.

S4 - Olha, para brasileiro eu creio que sim. O da América Latina em geral. Eu destacaria mais o do Uruguai, Argentina, Paraguai e regiões do Equador. Pela questão geográfica. [...]

Além disso, podemos notar novamente no discurso dos entrevistados que o fato de não haver posicionamento por parte dos professores sobre como lidar com as diversas variedades do espanhol faz com que permaneça a ideologia de que ensinar uma variedade específica seja a melhor escolha. Neste caso, a da Espanha, como a opinião do quarto sujeito.

Ou seja, podemos perceber que existe um longo debate nas salas de aula de espanhol como LE sobre questões políticas e linguísticas acerca do ensino e aprendizado da língua em questão. Porém, este não parece bastante claro, havendo ainda diversas ideologias linguísticas sobre como abordar o bilinguismo e seus conceitos na prática docente.

- *É preciso dar mais destaque aos espanhóis falados na América Latina? Por quê?*

Por último, decidimos investigar quais as ideologias sobre as variedades do espanhol falados na América Latina. Será que devido a todo histórico que não somente o Brasil, mas

diversos outros países, já viveram do purismo linguístico, da língua “certa” e da “cultura” superior ainda existe no Brasil sobre esse assunto?

Sobre esta questão, 3 informantes disseram que sim, é preciso dar luz ao espanhol da América Latina, ao passo que 1 sujeito disse que não devemos destacar nenhuma variedade específica. Os excertos das entrevistas apresentam claramente a opinião dos sujeitos sobre o assunto:

S1 - Penso que sim. Em Santa Catarina que é um estado que recebe tanto hispanofalante e tudo mais. Então acho que como a gente vive aqui a gente tem que aprender o espanhol daqui [...].

S2 - Sim [...] até hoje minha família fala coisas como: tá, mas qual o espanhol que tu falas? É o da Espanha? [...] mas aí como você vai explicar para eles que o valor cultural desses espanhóis é igual? São igualmente ricos, profundos [...].

S3 - Talvez sim, até para valorizar mais a nossa região porque nós temos uma visão de que tudo que é europeu é melhor do que aqui [...].

S4 - Olha, não! Não tem que dar foco na américa latina [...] então não pode empurrar um e abraçar o outro... tem que abraçar todos. Aí vai ser escolha do aluno, pessoal [...].

Podemos notar que, ao contrário do que o histórico linguístico do contexto social brasileiro sempre sugeriu sobre o ensino de espanhol como LE, a maioria dos entrevistados não apresentou a ideologia de que o espanhol da Espanha é o mais adequado. Na verdade, grande parte julga necessário destacar e valorizar as variedades cuja nação é de menor influência mundial.

Percebe-se que esse resultado está diretamente ligado as práticas docentes e a formação proposta pelos professores do curso de espanhol da UFSC. A ideologia desses sujeitos de que o espanhol falado por nossos vizinhos é igualmente importante e merecedor de destaque assim como o falado na Espanha, é fruto da postura dos professores em sala de aula. Como em alguns dos relatos, os docentes sempre abordam a temática das diferentes normas da língua espanhola, bem como logo no início do curso já apresentam sua própria formação acadêmica e norma utilizada, facilitando o entendimento sobre o assunto da parte dos alunos.

Em um ambiente cuja temática é abordada com embasamento teórico e conhecimento prévio, se tem uma significativa diminuição das ideologias linguísticas tão marcadas no senso comum e calcadas a partir de uma trajetória histórica de políticas linguísticas.

## Conclusão

Este artigo teve como objetivo investigar as ideologias linguísticas a respeito das variedades linguísticas existentes do espanhol e como elas se relacionam com as políticas linguísticas dentro da realidade da sala de aula de língua estrangeira. Para tanto, buscamos investigar estudantes de espanhol LE no final do curso de graduação em Letras/Espanhol. Esses futuros profissionais da área de línguas estrangeiras têm concepções a respeito do ensino de espanhol como LE que não necessariamente refletem as políticas linguísticas levadas a cabo pela Espanha. Ou seja, não foi possível verificar, neste estudo de caso, uma preponderância da ideia de que a variedade do espanhol europeu é *superior* ou *mais adequada* para o ensino. No entanto, essa seria uma ideologia plausível de ser encontrada em outros *corpora*, com um maior número de sujeitos e de dados. Assim, acreditamos que futuros desdobramentos para a presente pesquisa podem envolver a inclusão de um maior número de informantes, a fim de trazer mais evidências de que o ensino de espanhol na universidade dá voz aos inúmeros dialetos que compõem essa língua. O papel das políticas linguísticas, nesse sentido, pode ser mais evidente uma vez que forem coletados mais dados de fala em que sobressaiam, ou não, ideologias pró-espanhol europeu.

## Referências

AJSIC, A. ; MCGROARTY, M. Mapping Language Ideologies. In : HULT, F. M.; JOHNSON, D. C. **Guides to Research Methods in Language and Linguistics**. Birkbeck College, University of London, 2015.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística Parte I In: MUSSALIM, F.; BENTE, A. C.; **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, volume 1**. – 9. Ed. Ver. – São Paulo: Cortez, 2012.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

BUGEL, T. **O espanhol na cidade de São Paulo: quem ensina qual variante a quem?** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s. n.], 1998.

CALVET, L. J. **As políticas linguísticas**. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2007.

COAN, M.; PONTES, V. **Variedades linguísticas e ensino de espanhol no Brasil**. Revista Trama, 9 (18), 179-191, 2013.

DEL VALLE, L.; VILLA, L. Lenguas, naciones y multinacionales: las políticas de promoción del español en Brasil. In: **Revista da ABRALIN**, vol. 4, nº 1 e 2, 2015. p.197-230.

ESCUDE, P.; JANIN, P. **Le point sur l'intercompréhension, clé du plurilinguisme**. Paris: CLE International, 2010.

KRAVISKI, E.R.A. **Estereótipos culturais: o ensino de espanhol e o uso da variante argentina em sala de aula**. Dissertação (Mestrado em Letras - Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná), Curitiba, 2007.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1970].

LAGARES, X. C. O espaço político da língua espanhola no mundo. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S. l.], p. 0-9, 1 dez. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132013000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132013000200009). Acesso em: 6 jun. 2019.

LAGARES, X. C.; BAGNO, M. Políticas da norma e conflitos linguísticos. In: FANJUL, A. P. **Policêntrico e Pan-Hispânico: Deslocamentos na vida política da língua espanhola**. São Paulo: Parábola, 2011.

LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MOITA LOPES, L. P. da. (Org.) **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013.

MOZZILLO, I. A conversação bilíngue dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (Orgs.) **Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira**. Pelotas: Educat, 2001.

OLIVEIRA, G. M. de. O Sistema de Normas e a evolução demolinguística da Língua Portuguesa. In ORTIZ, Maria Luisa Álvarez e Gonçalves, Luis (Orgs.) **O Mundo do Português e o Português no Mundo afora: especificidades, implicações e ações**. Campinas, Pontes, 2016. p.25-43.

\_\_\_\_\_. **Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI**. *Trab. linguist. apl.* [online], vol. 52, nº 2, 2013. p.409-433.

SILVA, B. R. C. V. da; CASTEDO, T. M. de. Ensino do espanhol no Brasil: o caso das variedades linguísticas. In: **Holos**, 24. vol. 3, 2008. p.67-74.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.